

O ponto do bordado

Gilmar de Carvalho

Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professor do Departamento de Comunicação Social da UFC. Autor de 'Madeira Matriz' (São Paulo, Annablume, 1999) e 'Artes da Tradição' (Fortaleza, Leo/ Expressão Gráfica, 2005), dentre outros.

Maria de Castro Firmeza, a Nice, artista plástica, professora de pintura para crianças e de bordado, debaixo das mangueiras do sítio que divide com o companheiro Nilo Firmeza (Estrigas), no Mondubim Velho, foi a menina inquieta, nascida no Aracati, a 18 de julho de 1921, única filha mulher que se criou do casal Chico Osório e Hermeta de Castro.

Foi aluna e afilhada de Francisca Clotilde, referência na literatura e no jornalismo cearenses. Depois de um ano no grupo escolar, foi estudar com as Irmãs de Caridade.

Nice borda. Aprendeu escondido da família, freqüentando o patronato de Aracati, fundado para educar e profissionalizar meninas pobres. A mãe, quando viu a foto da filha como mascote, numa festa da instituição, lhe deu uma surra das antigas.

Estava lançada a semente da rebeldia que desabrocharia em arte. Ficaram em seu imaginário os bastidores, dedais, agulhas, e a variedade das cores e dos matizes das linhas que viria a usar, anos depois, adulta, como forma de transmitir emoção e sensibilidade.

Nas aulas de pintura, preferia criar e sua atitude cheirava a rebeldia. Um dia, foi convidada a sair da sala, porque "modificava as coisas e não aprendia".

Um pintor de Fortaleza, que acompanhou as alunas em uma aula de campo, pelas margens do Rio Jaguaribe, gostou do que ela pintou e a estimulou a continuar.

Nós usufruímos os resultados: suas batas bordadas a mão; o delírio da explosão "fauve" de suas cores primárias; a aventura da agulha seguindo o geométrico caracol de suas mandalas, são testemunhas de sua coerência ao longo desse tempo dilatado.

Nice faz seus bordados, enquanto conversa, como toda canceriana intensa e curiosa. Está sempre a inventar um ponto que deve ter vindo de outros tempos, de outras culturas e se encaixa em sua trama, formando a flor ou o arabesco.

Tem algo de luxuoso no que ela faz e, ao mesmo tempo, de zen, como se um jardim japonês explodisse nos cacos de vidros dos seus caleidoscópios.

Seus bordados provocam surpresa e causam estranhamento, por conta de tanta delicadeza em um mundo tão violento, de linha de montagem e falsidade dos simulacros, do faz-de-conta.

Mas ela está lá, com suas agulhas de ponta rombuda, que evitam que se machuque ou pingue a gota de sangue na blusa ou no vestido.

foto Francisco Sousa



Nice Firmeza bordando

e “raiz” a partir da tradição da Mangueira; como a poética despedida de Leonilson; e como Louise Bourgeois expôs seus vestidos como escultura e memória.

A roupa que ela borda tem as caras de seus donos. Por isso borda sempre para amigos: artistas, profissionais liberais, professores, gente que sabe a importância de se vestir de Nice.

Nada do deslumbramento pelas “griffes” e pelo falso “glamour” que a publicidade incita. O bordado de Nice é alta-costura porque é criação, autoral e arte.

As roupas ganham vida com o calor e a mobilidade dos corpos, expressam, são uma nova mídia, no conceito de “wearable art”.

São seus “parangolés”, fazendo a tradição dialogar com a contemporaneidade, a roupa com o corpo que reveste, reforçando a importância do feito a mão nestes tempos do descartável, em que uma peça está superada no instante em que é usada.

As roupas de Nice desafiam temporadas, não fazem parte de uma coleção, mas de um projeto de vida, de uma visão de mundo, que passa pelas mangueiras, pelas conversas que se arrastam tarde adentro e do lanche (“le déjeuner sur l’herbe?”).

Elas vão estar hoje e sempre, neste desfile informal, sem modelos anoréxicos, sem nada a ver com frivolidades, com o culto a um padrão elitista de consumo, mas como uma celebração de vida. Ganham forma quando corpos apaixonados as vestem.

Quando começa a contar histórias, Nice fala de uma Canoa Quebrada onde ia passar as férias, uma aldeia de pescadores, quase inatingível.

Na areia da praia, as mulheres faziam renda de almofada e desfiavam o tecido branco para o labirinto. A renda foi herança jesuítica que iniciava as meninas índias nos bordados que cobriam os altares e adornavam sobrepelizes e estolas.

Nice borda. Não precisa desmanchar o que fez no dia anterior. Seu Ulisses está ao seu lado, lendo, pintando e escrevendo capítulos da História da Arte no Ceará.

Seus pretendentes somos todos nós, ávidos por uma peça assinada por ela.

Quando poderia ter criado uma fôrma ou um molde, ela surpreende e se supera, é capaz de fazer um macramê na blusa que estava desbotada e cujo motivo floral lhe agradava tanto. Faz algo para a noite, com mais brilho e dialoga com batas indianas, em um Woodstock que não faz parte de suas referências estéticas ou afetivas.

Ela borda como Bispo do Rosário cerziu sua loucura e fez o manto com que se apresentaria diante de Deus; como Hélio Oiticica propôs seus “parangolés”, vanguarda

O labirinto consiste em cortar, pacientemente, os fios do tecido, puxá-los, antes de começar um bordado que envolve grades e dezoito etapas, até que a toalha da mesa ou a colcha da cama fiquem prontas.

Parafraseando o poeta, Aracati é um retrato na parede, com os pais, cadeiras na calçadas, a esperar pelo vento dos bons presságios.

Aos treze anos ela veio para Fortaleza. O irmão mais velho não queria que ela trabalhasse, mas a mãe foi sua aliada e aos dezoito, ela entrou para a Telefônica, onde ficou durante onze anos. O dinheiro ganho era para comprar telas, tintas e pincéis.

Despontou, vigorosa, a partir do Curso Livre de Pintura e Desenho, ministrado pela Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), a partir de 1950. Depois vieram os salões, as mostras coletivas e individuais e a artista unia razão e sensibilidade.

Importante ressaltar o casamento com Estrigas (Nilo Firmeza, 1919), amigo, interlocutor constante e afetivo, na vida e nas artes. As trocas se dão no campo das idéias, já que o repertório iconográfico de cada um é muito pessoal e as influências e as preferências de tão diferentes, atestam uma relação de igual para igual.

Depois do casamento, mudaram-se para o sítio, no Mondubim (subúrbio de Fortaleza), onde Nice começou, timidamente, a preparar doces, bolos, biscoitos, tudo o que nossa fantasia possa imaginar, saído da cozinha de uma Dona Benta.

Nice dá aulas de desenho e pintura para crianças e nunca mandaria fazer cópias. Organiza mostras de seus alunos, sem premiações, para evitar a competitividade.

O bordado evoca os tempos de Patronato, realiza hoje seu sonho de sempre e dialoga com uma tradição, que vem de Portugal, via Açores e Ilha da Madeira, e aqui se imbricou com a tradição dos donos da terra.

Nunca a mão foi tão exigida para repetir esse ritual que é dança e invenção. Ao mesmo tempo em que se apóia numa tradição, Nice supera a necessidade do risco. Seu bordado não é serial ou artesanato, mas criação em estado puro.

A partir do tecido cru e das fibras naturais, geralmente ásperas, ela formula, como Penélope, seu exercício de delicadeza. Estamos diante de uma das referências das artes cearenses.

Aos sábados, dá aulas de bordado para as “moças” que se reúnem debaixo das mangueiras. Mais do que nunca, Nice estimula a criatividade de cada uma. Pode até existir uma tendência de estabelecer um diálogo com suas batas, vestidos e camisas, mas cada uma é convencida a desenvolver sua marca pessoal.

No começo, ela pode até chegar a riscar para as alunas iniciantes, mas depois vai supervisionando, trocando a cadeira de lugar e dando toques, explicando o jeito de segurar a agulha, a singularidade do ponto e de como obter o melhor resultado.

Saem maravilhas de suas aulas: vestidos, bolsas, “écharpes”, “tops”, tudo o que a imaginação ousar. Elas duram a manhã inteira, com direito a suco ou sorvete de frutas da estação. Carretéis de linhas matizadas, retalhos de tecidos, lápis para os riscos ficam sobre a mesa. Nice pede às alunas que deixem os restos de linha no chão, para ajudar os pássaros na construção dos ninhos.

Pode-se falar num “estilo Nice” de bordado, copiado, mas nunca igualado. Suas roupas são uma “griffe” valiosa e já estiveram em exposição (Galeria Vicente Leite, Fortaleza) como “wearable art” (arte usável), com o toque da peça única, com “aura”. Aí também ela deixa suas marcas, dando ponto com nós.

A vontade de bordar não contradiz a pintura, antes, podem ser vistas como complementares. Correu o risco de ser chamada de bordadeira, como se fosse depreciativa para a condição de artista.

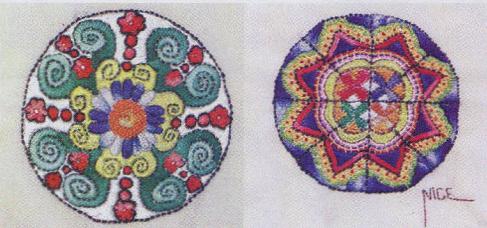


foto Francisco Sousa

Mandalas e outros bordados de Nice Firmeza

Recebendo muitas visitas, a “cance-riana” Nice é o lado mais comunicativo do casal. O “virginiano” Estrigas é tímido, enquanto ela é vibrante e apaixonada.

Eles estão cercados por um jardim, uma domesticação da floresta, já disse alguém. As mangueiras dão o tom do sítio, mas ele se completa com os jasmíns, os manacás e os resedás. Nice sabe os nomes, as manhas e fala das emoções de cada espécie. Suas orquídeas estão dependuradas na varanda. Vez por outra, é preciso dar um corte para a casa ficar menos sombria.

No final da tarde, os cheiros se confundem com as cores e texturas das folhagens e das flores, perseguidas pelas borboletas e pelas abelhas na fabricação do mel.

Muita gente se reúne debaixo dessas árvores centenárias, onde pontificam um baobá, um pé de cedro e o esqueleto de um catavento que não funciona mais.

Artista, na expressão maior da palavra, fada, alquimista dos sabores, uma mulher especial, determinada, antecipadora, competente, que merece todas as festas.



foto Francisco Sousa